

ANÁLISE DO DISCURSO E LITERATURA: DIÁLOGOS PLAUSÍVEIS

GAMA-KHALI, Marisa Martins ¹

RESUMO: o ensaio trata de algumas abordagens que buscam conjugar as propostas da análise do discurso ao campo da crítica literária, considerando especialmente algumas noções articuladas por Mikhail Bakhtin, com o fito de demonstrar a plausibilidade da referida conjunção teórica.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso, Crítica Literária, Mikhail Bakhtin.

Considerações iniciais

Até o final do século XX e o início do século XXI eram infrequentes os estudos que procuravam esboçar o diálogo entre a crítica literária e a Análise do Discurso (doravante AD) no Brasil; por esse motivo as escolhas epistemológicas e metodológicas desses estudos tateavam possibilidades, discursos que tocassem uma região de pertença, de contato plausível. Eram mais comuns as abordagens que se valiam da AD para pesquisas que tinham como objeto de investigação, por exemplo, o discurso político, a propaganda e o discurso histórico, contudo, aos poucos, outras áreas foram esboçando diálogos com a AD

Em alguns casos, considerava-se impossível o contato ou pertencimento entre AD e literatura, como na ocasião da defesa de minha tese de doutorado, intitulada *Por uma arqueologia do leitor*: perspectiva de estudo da constituição do leitor na narrativa literária, cujo foco teórico enlaçava estudos da AD aos da crítica literária, especialmente os vinculados à estética da recepção. A perspectiva central da AD empreendida na tese era o método arqueológico proposto por Michel Foucault, conjugando propostas de Mikhail Bakhtin ao

¹ Possui doutorado em Estudos Literários pela UNESP/Araraquara e pós-doutorado pela Universidade de Coimbra. É professora titular da Universidade Federal de Uberlândia; líder do Grupo de Pesquisas em Espacialidades Artísticas (GPEA); pesquisadora do CNPq com bolsa de Produtividade em Pesquisa; investigadora do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra; líder do GT da ANPOLL Vertentes do Insólito Ficcional. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2236-4334>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9430138689219946>. E-mail: mmgama@gmail.com.

escopo teórico da estética da recepção e à teoria do efeito estético. Alguns componentes da banca, um professor relacionado ao estudo mais clássico da literatura e outra relacionada à crítica marxista, acataram, de certa forma, o diálogo teórico com Bakhtin, mas de modo categórico rejeitaram o uso das noções foucaultianas agregado a questões atinentes à teoria literária. A aceitação das propostas bakhtinianas foi mais pacífica (mas não totalmente), uma vez que elas já vinham visitando o campo da teoria e crítica literárias desde a sua propagação por Julia Kristeva nos anos 1970 na zona de interesse dos estudos da literatura. Outro fator que talvez tenha motivado a referida aceitação maior foi o fato de o objeto de investigação de Bakhtin ser de modo reiterado a literatura. Os estudos de Bakhtin e de seu Círculo vêm sendo utilizados tanto no campo da linguística como no da literatura; e, desde a entrada desses estudos no campo da AD francesa, pelas mãos especialmente de Jacqueline Authier-Revuz, é muito comum vermos linhas de pesquisa e grupos de estudo, no Brasil e no exterior, com a perspectiva de uma AD bakhtiniana.

Deve-se considerar também, por outro lado, que os estudos de Bakhtin, em seu tempo de produção, destoavam da perspectiva imanentista que a crítica literária imprimia naquela época. Sabemos que a proposta do teórico russo se desvinculava da visada estruturalista e formalista, filiando-se a uma visão social da literatura, entretanto ainda assim alguns manuais de crítica trazem equivocadamente Bakhtin junto aos estudos do formalismo.

Neste ensaio proponho alguns olhares que produzi e venho produzindo com o enfoque sobre a conjunção entre AD e literatura, tomando noções bakhtinianas como paradigmas teóricos, com o fito de sugerir caminhos plausíveis de pesquisa. Essa relação acontecerá especialmente pautada por uma aproximação das teses do teórico russo com as da estética da recepção, caminho este que resolvi seguir no presente ensaio instigada por um senão da minha já referida banca de doutoramento, já que um dos professores achou ousada e/ou talvez contraditória² a relação planteada entre a AD bakhtiniana e a estética da recepção.

2 A professora não sabia que opção escolher: ousadia ou contradição?

Perspectivas bakhtinianas entre a AD e a crítica literária

Até meados do século XX, o enfoque sobre as obras de arte incidia geralmente sobre a própria obra ou, em alguns casos, sobre a instância da produção; poucos eram os estudos que tinham como proposta a análise sobre a instância da recepção. Sabemos, no entanto, que qualquer objeto artístico só pode ser considerado como tal não apenas porque foi produzido por um artista, mas também porque foi recebido por um leitor/espectador. No campo da crítica literária foi apenas depois do surgimento de ideias relacionadas à estética da recepção, fundada por Hans Robert Jauss, quando de sua palestra³ na universidade de Constança no ano de 1967, e posteriormente essa tendência foi reforçada por Wolfgang Iser com a sua teoria do efeito estético.

A norma de considerar-se, ainda hoje, mais usualmente a obra como objeto a ser analisado em sua imanência advém do grande impacto causado pelas correntes estruturalistas que se estenderam ao longo de todo o século XX, deixando fortes marcas no presente século. A proposta de leitura estruturalista concentra-se sobre o objeto artístico, sobre sua materialidade textual (no caso da literatura), que deve apresentar-se ao receptor como polo único de interpretação. Os processos de produção e de recepção foram desconsiderados pelas análises estruturalistas e tal rasura deve-se a vários fatores históricos e estéticos. No século XIX, notava-se o predomínio de análises que privilegiavam a produção e a recepção; no caso da crítica literária, por exemplo, a crítica biográfica – contemporânea à época romântica – e a determinista – proposta crítica realista – caracterizaram-se por um centramento na figura do autor; já a crítica impressionista, no final do século XIX, insinuou-se de forma frágil a partir da consideração das impressões do leitor no ato da leitura.

Nesse contexto, as práticas de leitura e de interpretação, ao dirigirem seu foco para o autor e o leitor, acabavam, grosso modo, deixando esquecida uma análise mais apurada do próprio objeto artístico, e esse foi um dos motivos para que no início do século XX os métodos de abordagem crítica considerassem a imanência da obra, erguendo protestos contra leituras

³ Na palestra proferida por Jauss (1994), intitulada “História da Literatura como provocação à Teoria Literária”, há uma longa discussão sobre a crítica literária, tomando como pontos de discussão duas de suas principais correntes, o formalismo e o marxismo. Jauss mostra pontos positivos de ambas, entretanto destaca seus aspectos frágeis e controversos para posteriormente defender sete teses que se propõem a redimensionar a teoria literária por intermédio da perspectiva da recepção.

biográficas e impressionistas. Foi necessário “matar”, ao menos metaforicamente, o autor. O desabafo de Roland Barthes deixa óbvio o quanto era necessário fomentar um procedimento de análise que deixasse de lado o império da autoria:

O autor ainda reina nos manuais de história literária, nas biografias de escritores, nas entrevistas de periódicos e na própria consciência dos literatos, ciosos por juntar, graças ao seu diário íntimo, a pessoa e a obra [...]; a crítica consiste ainda, o mais das vezes, em dizer que a obra de Baudelaire é o fracasso do homem Baudelaire, a de Van Gogh é a loucura, a de Tchaikovski é o seu vício. (BARTHES, 1987, p. 58)

Assim, no início do século XX, toda a mudança operada nos métodos críticos de abordagem dos objetos artísticos deveu-se a essa patente insatisfação por parte de analistas de arte que reclamavam por uma perspectiva que alçasse a obra a um lugar de destaque. A linguagem artística deveria ser compreendida como oriunda de um sujeito discursivo e não de uma pessoa; e, dessa maneira, a biografia do autor passou a ser rejeitada como procedimento interpretativo de um texto. Surgiram variadas correntes de abordagem imanentista, como o formalismo russo (contemporâneo historicamente a Bakhtin), o estruturalismo francês, o estruturalismo tcheco, o *New Criticism* e muitas outras que priorizavam um olhar microscópico sobre o texto literário.

As correntes estruturalistas retiraram, de fato, o *travão* imposto pela interpretação que deveria ser conduzida pela voz onipotente do autor; no entanto, o enfoque obsessivo na imanência do objeto artístico acabou por retirar-lhe a sua historicidade e, conseqüentemente, de certa maneira, a sua movência interpretativa.

Por volta da década de sessenta do século XX, algumas correntes críticas reavaliaram essa perda e propuseram um alargamento na abordagem artística, como foi o caso da estética da recepção, da teoria do efeito estético e do *reader response criticism*. Um dos pressupostos da estética da recepção é o de que a vida histórica da obra literária não deve ser compreendida sem a participação ativa de seu receptor, porque ele institui os movimentos interpretativos que a obra recebe dependendo do momento em que é recebida. Wolfgang Iser analisa a interação do texto com o leitor por intermédio da comunicação que se estabelece entre eles. No seu ponto de vista, a não identidade da ficção com o real empírico, bem como da ficção com o leitor, define a condição distintiva e indispensável de seu caráter de comunicação. Dessa forma, a abordagem interpretativa da estética da recepção mantém a importância do olhar imanente sobre o objeto

artístico, porém insere, nesse contexto, a necessidade de considerar-se a instância da recepção e o lugar histórico onde essa acontece.

Uma outra corrente que considerou parte do método estruturalista e tentou alargar o horizonte de leitura do objeto artístico foi a Sociologia da Literatura. Podemos, aqui, citar o caso brasileiro, por intermédio das propostas de Antonio Candido (2012, 2000). Para erguer seu projeto de crítica literária, foi necessário realizar uma revisão do método estruturalista, que, no ponto de vista de Candido, não somente centrava-se no estudo imanente da obra, mas tomava-a como um modelo “virtual abstrato” e desconsiderava a historicidade do texto.

Vale ressaltar, nessa retomada que fazemos da crítica sociológica, os estudos do teórico russo Mikhail Bakhtin. Em plena efervescência das correntes estruturalistas, Bakhtin postulou, no início do século XX, uma crítica que fugia à moda da imanência como modelo interpretativo⁴. Seus estudos ficaram praticamente ocultos e só foram desvelados ao mundo da segunda metade do século XX em diante. Para Bakhtin, a obra tem que ser interpretada a partir de sua tessitura e da cultura em que se insere. A ciência literária, para ele, “deve estreitar seu vínculo com a história da cultura”, porque a arte literária “é uma parte inalienável da cultura, sendo impossível compreendê-la fora do contexto global da cultura numa época” (BAKHTIN, 2000, p. 362).

As teorias de Bakhtin passaram a influenciar e incitar outras correntes relacionadas a uma perspectiva sociológica de abordagem da obra de arte, bem como também foram incorporadas por alguns estudiosos da Análise do Discurso francesa.

A AD francesa surgiu, como a estética da recepção, no final da década de sessenta do século XX, com a proposta de Michel Pêcheux de analisar o discurso por intermédio de uma base triádica, que deveria considerar os estudos da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise. O triplo assentamento proposto como patamar dos estudos da AD, como explica Maria do Rosário Gregolin, desencadeia consequências teóricas: “a *forma material* do discurso é, ao mesmo tempo, linguístico-histórica, enraizada na História para produzir sentido; a *forma sujeito* do discurso é ideológica, assujeitada, não psicológica, não empírica; na ordem do discurso há o sujeito na língua e na História” (GREGOLIN, 2003, p. 8, grifos da autora citada).

4 Como pontuei anteriormente, por sua localização temporal e geográfica, alguns manuais de literatura contemporâneos ainda insistem em situar erroneamente Mikhail Bakhtin como integrante do formalismo russo, ainda que suas teorias discordem radicalmente dos postulados metodológicos e interpretativos dessa corrente.

Tomando tal perspectiva, uma análise do discurso, de acordo com Cleudemar Alves Fernandes (2007, p. 15-16),

destina-se a evidenciar os sentidos do discurso tendo em vista suas condições sócio-históricas e ideológicas de produção. As condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação social. As palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos [...] se inscrevem.

Os estudos da AD de Michel Pêcheux absorveram diversas teorias, como, por exemplo, as de Karl Marx – relido por Louis Althusser –, e as teorias de Michel Foucault e Mikhail Bakhtin. Devido à proposta transdisciplinar de análise, a AD vem ocupando mirantes epistemológicos variados e servindo como proposição de abordagem interpretativa para vários campos do saber, dentre eles eu destaco a literatura.

Como afirmei anteriormente, os estudos de Bakhtin contribuíram para a crítica sociológica da literatura, assim como vêm contribuindo para os estudos da AD, isso porque tanto a crítica sociológica como a AD partem da palavra considerando o seu movimento, ou seja, a palavra em curso. Hans Robert Jauss não concebe uma leitura da literatura ou da obra de arte desvinculada de sua historicidade, como vemos nas várias propostas de abordagem da AD. Wolfgang Iser lê a relação entre texto e leitor a partir de uma contingência, isto é, de uma falta de correspondência entre texto e leitor e isso nos faz lembrar o que temos como proposta da AD: considerar o discurso a partir de sua interação. Como já esclareci, Jauss foi o fundador da estética da recepção. Iser atuou juntamente com Jauss na fundação e desenvolvimento da estética da recepção, bem como instituiu o que ele designou como a teoria do efeito estético, tendo também contribuído com os teóricos relacionados ao *reader response criticism*.

No ensaio intitulado “Veredas possíveis dos estudos discursivos sobre a literatura: as vozes de Michel Foucault e de Mikhail Bakhtin nos campos da AD e da Teoria Literária” (GAMA-KHALIL, 2009), demonstrei como alguns conceitos cunhados por Bakhtin – dialogismo, polifonia e carnavalização – foram e continuam sendo caros aos estudos da crítica literária. Neste ensaio, pretendo demonstrar como alguns postulados teóricos da crítica recepcionista de Wolfgang Iser se aproximam de noções cunhadas e articuladas por Mikhail

Bakhtin e o Círculo de pesquisadores a ele relacionado, denominado Círculo bakhtiniano⁵. As ideias iniciais desse estudo comparativo entre Iser e Bakhtin foram apresentadas por mim e pela pesquisadora Maria de Fátima Cruvinel, na UNESP de Araraquara, no ano 2000, no III Seminário de Análise do Discurso, evento organizado pelo GEADA, coordenado pela pesquisadora Maria do Rosário Gregolin.

A amostragem e análise comparativa entre tais autores parte especialmente de noções relacionadas às noções de leitor, leitura e texto. Um dos motivos que permitiu a aproximação entre as propostas de Iser e Bakhtin foi o fato de ambos compreenderem a linguagem como comunicação. A compreensão dos sentidos da linguagem, para os dois teóricos, ocorre a partir da interação dos receptores/leitores. A interação seria um evento fundamental e constitutivo do processo de comunicação.

O centro dos estudos de Bakhtin é o processo da comunicação verbal, do qual participam igualmente o locutor e o receptor. No ponto de vista de Iser, o texto literário consiste, antes de tudo, em comunicação e jamais se efetiva fora da confluência entre texto (e seu autor) e leitor. Dessas concepções decorrem e se fundam como concepções basilares o dialogismo de Bakhtin e o efeito estético de Iser. O diálogo, no sentido empregado por Bakhtin e seu Círculo, não é somente a comunicação em voz alta entre sujeitos postos face a face, porém toda e qualquer comunicação verbal, escrita ou oral. Para que qualquer enunciado se realize, são obrigatórias as presenças históricas dos sujeitos atuantes na comunicação dialógica (BAKHTIN, 2016). Uma palavra dita abarca outras palavras ditas anteriormente, dialogando com elas. O dialogismo é de tamanha importância, pois “[s]er significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina” (BAKHTIN, 1981, p. 223). Nenhum ser vive apartado do dialogismo: “Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo” a “mútua-

5 Alguns estudos antes atribuídos a Mikhail Bakhtin hoje são revisitados e a eles é delegada a autoria de outros pesquisadores que integravam o Círculo bakhtiniano, grupo de pesquisadores que se reunia em torno de Bakhtin. Conforme assinalam Brait e Campos (2009, p. 17): “A questão das assinaturas e da *composição* do Círculo tem variado do extremo da negação intelectual de V. N. Volochínov (1895-1936), P. Medvedev (1892-1938), I. Kanaev (1893-1983), M. Kagan (1889-1934), L. Pumpianskii (1891-1940), M. Yudina (1899-1970), K. Vaguinov (1899-1934), I. Sollertinski (1902-1944), B. Zubakin (1894-1937) às dúvidas em torno da autenticidade de determinadas ideias e conceitos considerados genuinamente bakhtinianos”. Tomarei neste estudo as ideias de Bakhtin e a de seu Círculo de modo integrado, considerando que ele e seu grupo compactuavam de uma mesma ideia central concernente à linguagem: a noção de interação verbal.

orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível” (BAKHTIN, 1990, p. 88).

Ao esclarecer sobre o efeito estético, noção central de sua proposta, Iser expõe que “o sentido não é mais algo a ser explicado, mas sim um efeito a ser experimentado” (ISER, 1996, p. 34) e por esse motivo “[s]e a estética do efeito compreende o texto como um processo, então a práxis da interpretação, que dele deriva, visa principalmente ao acontecimento da formação de sentido (ISER, 1996, p. 13). Tal experimentação do efeito de sentido é a base de todo processo de comunicação instaurado pela obra literária.

Em função de considerarem a linguagem a partir da perspectiva do processo de comunicação, as propostas dos dois autores partem da compreensão da leitura como produção de sentidos, atividade que apenas ocorre por intermédio da interação dos sujeitos que dela participam. Na visão do teórico russo, a leitura é uma atividade; no caso da leitura do texto literário, uma atividade estética, que se baseia na interação do locutor com o receptor:

[a significação] é o efeito da *interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro*. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois polos opostos. [...] Só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz de sua significação. (BAKHTIN, 1999, p. 132, grifos do autor citado)

Para Iser, a leitura constitui-se como uma experiência estética: “não podemos captar exclusivamente o efeito nem no texto, nem na conduta do leitor; o texto é um potencial de efeitos que se atualiza no processo da leitura” (ISER, 1996, p. 15), processo esse se articula por meio da interação do autor e do leitor.

Essa leitura advinda do processo interacional e comunicativo da linguagem figura, na visão dos dois teóricos, como responsável pela constituição do sujeito leitor, encontrando-se na base da construção de sua subjetividade. O teórico russo afirma: “Se eu mesmo sou um ser acabado e se o acontecimento é algo acabado, não posso nem viver nem agir: para viver, devo estar inacabado, aberto para mim mesmo – pelo menos no que constitui o essencial da minha vida –, devo ser para mim mesmo um valor ainda por-vir” (BAKHTIN, 2000, p. 33). O teórico alemão defende que “a literatura oferece a oportunidade de formulando-nos a nós mesmos” (ISER, 1999, p. 93) formularmos os vazios do texto e potencializarmos-nos a nós e ao texto. Esse não acabamento do sujeito apontado pelos dois teóricos faz com que o seu contato com o

texto, nascido da interação, seja um dos lugares de construção de sua subjetividade. (Ainda que nenhum dos dois teóricos aborde explicitamente o processo de subjetivação, influenciada por meu olhar foucaultiano, percebo que as argumentações de Iser e de Bakhtin insinuam esse processo).

Outras noções que se assemelham são a de atitude responsiva ativa de Bakhtin e a de *feedback* de Iser. A atitude responsiva configura a significação da palavra, que se realiza a partir do procedimento de compreensão ativa e responsiva: “o ouvinte que recebe e compreende a significação de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc.” (BAKHTIN, 2000, p. 290, grifos do autor citado). Tal atitude responsiva ativa institui-se como um acontecimento que ocorre durante todo o processo de leitura ou audição de um texto. Iser assevera que a apreensão de um texto “não pode ser vista como um processo de aceitação passiva, mas sim como uma resposta produtiva à diferença experimentada” (ISER, 1999, p. 53); por isso a “relação entre texto e leitor se estabiliza através do *feedback* constante no processo da leitura pelo qual se ajustam as imprevisibilidades do texto” (ISER, 1996, p. 125). Assim, tanto a atitude responsiva quanto o *feedback* dizem respeito à natureza intensamente interacional do texto, porque este requer do seu receptor constantes respostas.

Tema, concepção bakhtiniana, e efeito estético, conceito de Iser, aproximam-se na medida em que ambos apontam para a movência da constituição de sentidos. O tema “é uma *reação da consciência em devir ao ser em devir*” (BAKHTIN, 1999, p. 129, grifos do autor citado); ele é instável, uma vez que se constrói por meio do sentido que resulta de uma interação mediante uma atitude responsiva. Ele pode ser ideado pelo locutor de uma forma, mas percebido e interpretado pelo receptor com nuances diferentes. Ressalto que, para os estudiosos do Círculo de Bakhtin, a palavra se edifica a partir de três perspectivas: a palavra neutra (língua), a palavra do outro (eco dos enunciados de outrem) e a palavra minha. Considero que a fricção entre essas perspectivas contribui fortemente para o caráter de devir e de movência da palavra. O efeito estético é concebido por Iser como a constituição de sentidos que o leitor experimenta e elabora no ato da leitura. Ele é denominado efeito estético “porque – apesar de ser motivado pelo texto – requer do leitor atividades imaginativas e perceptivas” (ISER, 1996, p. 16). O texto é produzido pelo autor e encontra o leitor. De um lado, para Iser, temos o polo artístico, do autor,

e, de outro, o estético, o do leitor. No meio de tudo, a concretude do texto, com seus ditos e não-ditos, seus vazios e suas potencialidades. Por isso o sentido é movente ou, como sugere Bakhtin em relação à linguagem: devir.

Tanto Bakhtin como Iser acionam conceitos que se detêm sobre a relação do sujeito com o outro, mais especificamente sobre a capacidade de o sujeito ver-se fora de si e, conseqüentemente, elaborar/compreender a visão do outro sobre si. São dois caminhos conceituais que Bakhtin elabora nesse sentido: a exotopia e o dialogismo velado, que é responsável pelo “discurso com mirada em torno”. Esses conceitos dialogam bastante com a noção de metaperspectiva cunhada por Iser.

A exotopia é a condição que possibilita o sujeito a situar-se fora de si; e, para Bakhtin, ela é o procedimento fundamental na realização estética, porque, para criar um mundo ficcional, por exemplo, o artista precisa deslocar-se de suas posições espaciais e de suas perspectivas cotidianas e individuais. Só se deslocando o artista pode imaginar como é ver-se fora de si, ver-se com o olhar do outro. O teórico russo lembra-nos de que só o outro pode nos dar acabamento, da mesma forma que só nós podemos dar acabamento a um outro. A exotopia aparece, no bojo das teses bakhtinianas, atrelada à ideia de excedente de visão:

O excedente da minha visão contém em germe a forma acabada do outro [...]. Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores [...]; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele. (BAKHTIN, 2000, p. 45)

O sentido da exotopia parece ser aproveitado por Bakhtin quando ele formula a noção de dialogismo velado, o qual, como afirmei anteriormente, desencadeia o discurso com mirada em torno. Nele, “[o] segundo interlocutor é invisível, suas palavras estão ausentes, mas deixam profundos vestígios que determinam todas as palavras presentes do primeiro interlocutor” (BAKHTIN, 1981, p. 171).

Antes de esboçar alguns exemplos pontuais sobre esses conceitos, esclarecerei acerca da noção de metaperspectiva, que é explicada por Iser da seguinte forma: “Temos a experiência do outro à medida que conhecemos a conduta do outro. Mas não temos experiência de como os outros nos experimentam” (ISER, 1979, p. 86), o que significa que a minha experiência do outro é invisível ao outro e a experiência do outro sobre mim é invisível a mim, isto é, o nosso acabamento é dado pelo outro, coincidindo diretamente com a ideia de exotopia bakhtiniana.

Essa esfera conceitual, na visão de Iser, pode auxiliar na compreensão do ato estético, que consiste na experiência de recepção da obra: “Perceber-se a si mesmo no momento da própria participação constitui uma qualidade central da experiência estética; o leitor se encontra num peculiar estado intermediário: ele se envolve e se vê sendo envolvido” (ISER, 1999, p. 53). A metaperspectiva, por sua vez, está relacionada ao conceito de *no-thing*: “Todas as nossas relações interpessoais se fundam nesse *no-thing*, pois reagimos como se conhecêssemos as experiências dos nossos parceiros; criamos sem cessar imagens de como os parceiros nos experienciam e agimos em seguida como se nossas imagens fossem reais” (ISER, 1999, p. 101).

Em muitos casos, a obra de arte literária simula essa experiência que se relaciona ao *no-thing* e que, por sua vez, coaduna-se aos procedimentos da metaperspectiva, da exotopia e do discurso com mirada em torno. Em *D. Quixote de La Mancha*, indo um pouco além do plano das expectativas usuais de diálogo entre narrador e narratário, o narrador chega a esboçar a voz do seu leitor: “Parece-me que me dizes que ando muito acanhado, e que me mantenho demasiadamente dentro dos limites da minha modéstia” (CERVANTES, 1978, p. 312). Nessa passagem temos o que Bakhtin denomina “discurso com mirada em torno”, uma espécie de diálogo velado, que não é, no caso cervantino, tão velado assim. O discurso é elaborado como se, neste, estivesse “encravada” a réplica do outro; trabalha-se, pois, com a “palavra refletida” – a possível palavra do receptor. Da mesma forma, podemos ler o mesmo trecho sob a perspectiva da metaperspectiva e do *no-thing*. A réplica virtualizada do leitor promove uma brusca reestruturação acentual e sintática no discurso do narrador. Cervantes, ao fazer uso desses procedimentos, toma como base a plausibilidade e acentua ainda mais o jogo entre realidade e ficção. Ao externar o provável pensamento do leitor, o narrador dramatiza a recepção, inserindo-a num plano paralelo ao da produção.

O romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, está repleto de discurso nos quais há o trabalho com tais procedimentos, sendo um deles o seguinte:

Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar, veja-a e não esteja daí a torcer-me o nariz, só porque ainda não chegamos à parte narrativa destas memórias. Lá iremos. Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores, seus confrades, e acho que faz muito bem. (ASSIS, 1985, p.18)

Nesse caso, o dialogismo velado, gerado por uma metaperspectiva e produtor de um discurso com mirada em torno, é a técnica discursiva escolhida pelo narrador para dirigir-se ao

seu interlocutor. Nesse caso, a *sombra* do outro, do leitor, aparece bem explicitada, uma vez que há o torcer do nariz como marca de rejeição do leitor em relação ao discurso do narrador. Astuto, o defunto narrador pondera que possivelmente o leitor, como “os outros leitores, seus confrades”, escolha a anedota e não a reflexão. A expressão “os outros” é expressivamente pejorativa, porquanto sabemos que o sujeito, na maioria das vezes, prefere destacar-se a submergir no anonimato. Desse afrontamento, o narrador espera uma resposta produtiva do leitor.

Esse sujeito, o leitor, é potencialmente fundamental nas duas perspectivas teóricas aqui apresentadas, ele situa-se no ponto central das teses tanto de Bakhtin como de Iser. Para Bakhtin, a palavra se dirige sempre a um interlocutor, um enunciatário:

a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor. (BAKHTIN, 1999, p. 112, grifos do autor citado)

No caso da enunciação do texto literário, não há “um” leitor determinado, mas um leitor esperado pelo autor (algumas vezes pelo mercado editorial, que geralmente é construído com uma média de traços sociais, físicos e/ou comportamentais que se espera daquele que lerá aquele determinado livro). Na ficção, essa figura do leitor esperado é nomeada pelos estudos de narratologia como narratário. O narratário é o elemento “a quem o narrador se dirige” (PRINCE, 1994, p. 1) e, por ser representado no texto, torna-se entidade fictícia, “ser de papel”. Todo texto desvela de forma direta ou indireta o seu narratário.

Enfim, todo texto, desde o não literário, como um e-mail, ao literário, como um romance, delineiam de modo direto ou indireto a figura do seu receptor/interlocutor. De acordo com Bakhtin, esse delineamento ou concepção que o escritor faz do receptor de seu livro, do seu discurso, é uma questão deveras importante para a literatura e é ela que muitas vezes define os rumos da história da literatura, porque todo estilo de época, todo movimento artístico e todo gênero literário, “nos limites de uma época e de um movimento, se caracteriza por sua concepção particular do destinatário da obra literária, por uma percepção e uma compreensão particulares do leitor, do ouvinte do público, da audiência popular” (BAKHTIN, 2000, p. 324). E assim também constitui-se a ideia de Iser sobre a imprescindibilidade do leitor para a

existência do texto literário e de uma história da literatura. No intuito de lidar com essa figura construída e esperada pelo texto, Iser cunha a noção de leitor implícito, o qual não se situa fora dos textos, mas num espaço interno a eles, compondo sua estrutura. Ele não tem existência real, porém materializa o conjunto das pré-orientações que um texto ficcional oferece, como condições de recepção, a seus leitores possíveis; “não é abstração do leitor real, mas condiciona, sim, uma tensão que se cumpre no leitor real quando ele assume o papel” (ISER, 1996, p. 76)

Ambos teóricos chegam a usar uma mesma ideia e quase idêntica expressão (consciência receptora, consciência dos receptores) para lidar com a inserção do interlocutor na obra literária. Iser afirma que o “texto [...] se realiza só através da constituição de uma **consciência receptora**. A obra é o ser constituído do texto na consciência do leitor” (ISER, 1996, p. 50-51, grifos meus). E Bakhtin que

[a] obra estabelece [...] vínculos com o conteúdo total da **consciência dos indivíduos receptores** e só é apreendida no contexto dessa consciência que lhe é contemporânea. A obra é interpretada no espírito desse conteúdo da consciência (dos indivíduos receptores) e recebe dela uma nova luz. (BAKHTIN, 1999, p. 119, grifos meus)

A ideia de uma consciência receptora harmoniza-se à concepção que se encontra na base do pensamento de Bakhtin e de Iser, a interação, responsável pela noção de texto, porque para ambos o texto somente se potencializa no ato de sua recepção, ou seja, quando acontece a interação. Em função desse aspecto interativo é que Bakhtin concebe o texto como um objeto linguístico-discursivo, social e histórico e, em decorrência, os sentidos do texto dependerão da cooperação e da interação que ocorrem no ato da leitura. Assim, para o teórico russo, não “existe um texto dos textos, potencial e único” (BAKHTIN, 2000, p. 333); “[c]ompreender é opor à palavra do locutor [autor/leitor] uma *contrapalavra*” (BAKHTIN, 1999, p. 132, grifo do autor citado).

Na perspectiva da teoria do efeito estético de Iser, o texto constrói-se como um “potencial de efeitos que se atualiza no processo da leitura” (ISER, 1996, p. 15), porque ele não é uma forma plena, acabada, porém repleta de vazios a serem atualizados e interpretados pelo leitor. Resgatando das teorias de Roman Ingarden a noção de indeterminação, Iser pontua que a indeterminação deriva da

função comunicativa dos textos ficcionais e, como esta função é realizada por meio das determinações formuladas no texto, esta indeterminação, à medida que textualmente ‘localizável’ não pode deixar de ter uma estrutura. As estruturas centrais de indeterminação no texto são seus vazios e suas negações. (ISER, 1979, p. 106, grifo do autor citado)

Os vazios estabelecem a contingência do texto. Iser é bem categórico ao afirmar que no ato da leitura o leitor não realiza meros preenchimentos, mas combinações, conexões. Uma metáfora, por exemplo, desencadeia um vazio. Se eu leio em um texto que “Mariana é uma rosa”, eu posso interpretar de imediato que ela é rosa por ser cheirosa, mas posso interpretar que ela é rosa porque é bela, ou porque é frágil, ou porque é espinhenta. E eu decido qual sentido atribuirei à metáfora a partir do que o texto como um todo me diz; por isso a necessidade das combinações, das conexões.

Em função desse movimento de combinações, o leitor pode fazer o que Iser denomina como projeções de primeiro grau, que é uma primeira interpretação realizada, para na sequência fazer uma projeção de segundo grau. Se eu interpreto determinado vazio de uma forma, contudo adiante no texto essa interpretação mostra-se equivocada, tenho que realizar outra interpretação. Já a negação, importante para a estrutura recepional do texto como os vazios, “atribui ao leitor um lugar entre o ‘não mais’ e o ‘ainda não’”. Ao mesmo tempo, ela dá concretude ao lugar do leitor” (ISER, 1999, p. 171, grifos do autor citado). O texto, para Iser, assim como a réplica do diálogo, sempre demanda a resposta do receptor, “e para tanto adota todas as espécies de formas: busca exercer uma influência didática sobre o leitor, convencê-lo, suscitar sua apreciação crítica, influir sobre êmulos e continuadores” (ISER, 1979, p. 298). Luiz Costa Lima, ao explicar a noção de texto de Iser, mais especificamente a de texto ficcional, esclarece que todo texto contém complexos de controle, os quais têm como função nortear o processo de comunicação/interação, nortear a leitura e “ao mesmo tempo exigir do leitor sair de sua ‘casa’ e se prestar a uma vivência no ‘estrangeiro’; testar seu horizonte de expectativas; pôr à prova sua capacidade de preencher o indeterminado com o determinável” (LIMA, 1979, p. 24, grifos do autor citado).

Toda leitura exige mudanças de perspectivas, como atestam os dois teóricos aqui cotejados. Bakhtin esclarece que, no processo da leitura, uma “nova significação se descobre na antiga e através da antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e de reconstruí-la. [...] Nada pode permanecer estável nesse processo” (BAKHTIN, 1995, p. 136). E, de acordo

com Iser, de todo “momento articulado da leitura resulta numa mudança de perspectiva e cria uma combinação intrínseca de perspectivas textuais diferenciadas, de horizontes vazios de memórias esvaziadas, de modificações presentes e de futuras expectativas” (ISER, 1999, p. 23). Para ambos autores, todo texto comporta uma acumulação de perspectivas, o que resulta em uma ilusão de profundidade espacial, em uma impressão de labirinto.

A concepção dialógica da linguagem de Bakhtin parte da ideia do texto como um turbilhão de vozes e perspectivas. A questão da perspectiva aparece também na obra teórica de Iser por meio do processo de tema e horizonte, descrito como o modo perspectivístico de representação, operação que permite a coordenação das diversas perspectivas; organizando o texto como mudança de perspectivas o jogo entre o tema e o horizonte organiza as reações do leitor. Num texto narrativo, o narrador, como guia da narração, engendra vazios também a partir do jogo entre tema e horizonte. Ao colocar uma personagem em evidência, o narrador deixa de narrar o que acontece às outras personagens, formando, nesse sentido, uma lacuna na leitura. O que é tematizado pelo narrador é o tema, o que não é tematizado, o horizonte. A estrutura de tema e horizonte não comporta apenas o processo de figura e fundo, ela é “antes de tudo, a estrutura da atividade da imaginação” (ISER, 1996, p. 185). O jogo entre tema e horizonte abre, constantemente, dois horizontes interiores do texto para fundi-los depois.

Considerações finais

Retomo, numa dialogia explícita, o estudo de Diana Luz Pessoa de Barros (1994) intitulado “Dialogismo, polifonia e enunciação”, especialmente a analogia que ela faz entre as teses de Bakhtin e o poema “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto (1994, p. 345). Vejamos o poema:

1
Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem

os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

2

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

O ato de tecer a manhã a que se refere o poema metaforiza o processo dialógico descrito por Bakhtin, na medida em que fica evidente que a voz de um galo não se faz sozinha, ela integra com complexo de consonância de vozes de outros galos, em interação, porque só assim essas vozes conseguem instituir significados repletos e repletos de história. Essa interação, base de uma teoria da comunicação pensada e realizada por Mikhail Bakhtin e seu Círculo, também se encontra como baseamento da teoria do efeito estético de Wolfgang Iser, tanto é que a expressão “interação” encontra-se de modo reiterado ao longo do seu estudo.

Demonstrei com o presente ensaio como certas noções de Bakhtin e de Iser estabelecem uma relação de alta simetria e aproximação, como é a própria noção de texto, baseada fundamentalmente na ideia de interação, bem como a concepção de leitor e de leitura, tratadas a partir do fundamento de uma consciência receptora e de um discurso que se elabora por meio de uma multiplicidade de perspectivas, as quais se definem pela não fixidez.

Pretendi com este ensaio cotejar noções desses dois teóricos para demonstrar o quanto uma AD bakhtiniana e uma teoria recepcionista proposta por Iser podem, em conjunto, contribuir com trabalhos que tratem da linguagem literária por intermédio de uma visão cuja base é a interação discursiva.

Nesse sentido, é válido afirmar que os estudos de algumas críticas literárias não se distanciam de alguns postulados básicos da AD, como vimos com Bakhtin e Iser. E mais: se é possível chamar a Sociologia, a Filosofia, a História ou a Psicanálise para iluminar os estudos literários, por que não chamarmos a AD, que junto à teoria e a crítica literária, faz parte da área de Letras.

Referências bibliográficas:

- ASSIS, M. de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1985.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Ed. 34, 2016.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: HUCITEC, 1990.
- BARROS, D. L. P. de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: _____; FIORIN, J. L. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 1-8.
- BARTHES, R. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BRAIT, B.; CAMPOS, M. I. B. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 15-30.
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880) [1959]*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.
- CERVANTES, M. de. *Dom Quixote de La Mancha*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2007.
- GAMA-KHALIL, M. M. Veredas possíveis dos estudos discursivos sobre a literatura: as vozes de Michel Foucault e de Mikhail Bakhtin nos campos da AD e da Teoria Literária. In: _____; FERNANDES, C. A.; ALVES Jr., J. *Análise do discurso na literatura: rios turvos de margens indefinidas*. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 272-297.
- GREGOLIN, M. do R. Olhares oblíquos: sobre o sentido no discurso. In: _____; BARONAS, R. (Org.). *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos: Claraluz, 2003, p. 7-16.
- ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, L. C. (Org.) *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 83-132.
- ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed. 34, 1996, v.1.
- ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed. 34, 1999, v.2.
- JAUSS, H.-R. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- LIMA, L. C. O leitor demanda da literatura. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 6-27.

MELO NETO, J. C. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

PRINCE, Gerald. Introdução ao estudo do narratário (1). *Glotta*, v.16, p.1-45, 1994.

DISCOURSE ANALYSIS AND LITERATURE: PLAUSIBLE DIALOGUES

ABSTRACT: this essay deals with some approaches that seek to conjugate the proposals of discourse analysis with the field of literary criticism, especially considering some notions articulated by Mikhail Bakhtin, with the aim of demonstrating the plausibility of the referred theoretical conjunction.

KEYWORDS: Discourse analysis. Literary Criticism. Mikhail Bakhtin.